

---

## Morbidez em *Madrigal Melancólico* e a problemática da conceituação

Gabriela Quatrin Marzari, Raquel Bevilaqua da Silva<sup>©</sup>

### Abstract\*

The purpose of this paper is to make an analysis of the poem "Madrigal Melancólico" by Manuel Bandeira, a poet related to the First Generation of the Brazilian Modernist period. In addition, it will be done a brief study upon this literary time as well as the literary career of the poet. Taking into consideration specific characteristics, which can be found in that poem, there is an intention of relating them to the Modernist Movement. Furthermore, a comparison between the Brazilian poet and Luís Vaz de Camões, the Portuguese writer, will be established in order to make evident a similarity concerning the act of conceptualizing feelings in "Madrigal Melancólico" and "Amor é fogo".

### Resumo

O objetivo do presente trabalho é realizar uma análise do poema "Madrigal Melancólico" de Manuel Bandeira, um poeta pertencente à primeira geração do modernismo brasileiro. Além disso, será realizado um breve estudo acerca deste período literário assim como da carreira literária do poeta. Levando-se em consideração características específicas, que podem ser encontradas no poema, há uma intenção de relacioná-las com o Movimento Modernista. Uma comparação entre o poeta brasileiro e Luís Vaz de Camões, o escritor português, também será estabelecida com o intuito de tornar evidente uma similaridade relacionada o ato de conceituar sentimentos em "Madrigal Melancólico" e "Amor é fogo".

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise referente ao poema "Madrigal Melancólico", de Manuel Bandeira, poeta da

primeira geração do Modernismo Brasileiro (1922-1930). Paralela a essa análise, far-se-á uma breve explanação a respeito da estética modernista brasileira (1922-1945), bem como do percurso literário do poeta.

### Poema "Madrigal Melancólico"

O que eu adoro em ti,  
Não é a tua beleza.  
A beleza, é em nós que ela existe.

A beleza é um conceito.  
E a beleza é triste.  
Não é triste em si,  
Mas pelo que há nela de fragilidade e de incerteza.

O que eu adoro em ti,  
Não é a tua inteligência.  
Não é o teu espírito sutil,  
Tão ágil, tão luminoso,  
- Ave solta no céu matinal da montanha.  
Nem a tua ciência  
Do coração dos homens e das coisas.

O que eu adoro em ti,  
Não é a tua graça musical,  
Sucessiva e renovada a cada momento,  
Graça aérea como o teu próprio pensamento,  
Graça que perturba e que satisfaz.

O que eu adoro em ti,  
Não é a mãe que já perdi.  
Não é a irmã que já perdi.  
É meu pai.

O que eu adoro em tua natureza,  
Não é o profundo instinto maternal  
Em teu flanco aberto como uma ferida.  
Nem a tua pureza. Nem a tua impureza.  
O que eu adoro em ti - lastima-me e consola-

---

\* Alunas do 6.º semestre do Curso de Letras da UFSM. Trabalho orientado pela Professora Eni Celidônio e apresentado como requisito final de avaliação da Disciplina de Literatura Brasileira III (LTV 303).

me!

O que eu adoro em ti, é a vida.<sup>1</sup>

A partir das características encontradas no poema, tem-se por objetivo relacioná-las com as existentes no movimento modernista como um todo. Além disso, pretende-se delinear o percurso literário do poeta em questão, assim como o seu estilo de produção através de características que são recorrentes.

Finalmente, estabelecer-se-á uma relação entre o poeta brasileiro e Luís Vaz de Camões, escritor português, com o propósito de assinalar uma semelhança quanto à maneira de conceituar sentimentos em "Madrigal Melancólico" e "Amor é fogo".

Poema: "Amor é fogo"

Amor é um fogo que arde sem se ver,  
é ferida que dói, e não se sente;  
é um contentamento descontente,  
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;  
é um andar solitário entre a gente;  
é nunca contentar-se de contente;  
é um cuidar que ganha em se perder

É querer estar preso por vontade;  
é servir a quem vence, o vencedor;  
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
nos corações humanos amizade,  
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

## O Modernismo brasileiro – primeira fase: poesia

### O percurso literário de Manuel Bandeira

Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho nasceu em Recife, a 19 de abril de 1886. É considerado um dos mais importantes escritores da

literatura nacional. Estreou na poesia em 1917 com o livro *A cinza das horas*. Dois anos depois, seu livro *Carnaval* inaugurou um novo tipo de poesia no cenário literário brasileiro, provocando a indignação dos críticos conservadores. Contudo, essa obra foi um marco renovador na literatura do país. O seu poema *Os Sapos*, presente em *Carnaval*, foi escolhido como representante do movimento da Semana da Arte Moderna, em 1922, pelos promotores do evento.

Em 1924, *Ritmo Dissoluto* firmou-se como um dos grandes nomes do Modernismo. Contudo, embora marcada pelo Modernismo, sua produção abrange experiências que vão do Simbolismo à poesia concreta, sempre valorizada pela maestria dos versos e o grande poder de síntese. Tratou de temas como o amor, a morte, o cotidiano, aliando, freqüentemente, o humor e a ironia amarga e uma fina sensibilidade. Manuel Bandeira destacou-se também como prosador, cronista e memorialista.

### Análise de "Madrigal Melancólico"

O poema *Madrigal Melancólico* é constituído de seis estrofes, sendo que todas diferem quanto ao número de versos. A primeira estrofe apresenta três versos, portanto, é um terceto. A segunda e quinta estrofes constituem um quarteto. A terceira estrofe, contendo sete versos, é uma septilha. A quarta estrofe apresenta cinco versos, sendo uma quintilha. Por fim, a última estrofe é formada por seis versos, denominando-se sextilha.

Quanto à rima e à métrica, estas se apresentam de forma irregular, o que constitui uma das características peculiares ao estilo de época denominado Modernismo.

Observa-se uma tendência por parte do "eu" lírico em utilizar substantivos de natureza abstrata ("beleza", "incerteza", "inteligência", "espírito", ...) e também de palavras que sugerem um conceito de negação ("Não", "Nem").

Pode-se perceber ainda a existência de paradoxos, expressos através das palavras "perturbar" e "satisfazer", "pureza" e "impureza", bem como "lastimar" e "consolar".

É pertinente assinalar que esses elementos formais condizem diretamente com o título do poema ("Madrigal Melancólico"), cujo sentido de certa morbidez e tristeza será retomado no decorrer de todo o poema.

O poema "Madrigal Melancólico", como o próprio título expressa, é um poema de cunho

<sup>1</sup> [http://www.groceries.com/joagpraes/manuelbandeira/Madrigal\\_melancolico.htm](http://www.groceries.com/joagpraes/manuelbandeira/Madrigal_melancolico.htm)

<sup>2</sup> <http://www.sexref.com.br/grosia/camoes.html>

galanteador, de natureza amorosa. Entretanto, o léxico "melancólico" faz alusão a sofrimento, a uma tristeza profunda que também se encontra na temática deste. Conforme será constatado mais adiante, é possível apreender e perceber traços referentes à melancolia, explícita desde o início do poema.

O presente poema é iniciado com a seguinte oração: "O que eu adoro em ti", oração esta que é reiterada ainda sete vezes ao longo desse e que remete a um conjunto de idéias (ou conceitos) relacionado a uma exaltação de sentimentos. O "eu" lírico dirige-se a alguém que parece estar – ou ser – muito próximo a ele, proximidade sugerida pelo pronome oblíquo "ti". A partir dessa referência do sujeito lírico a uma pessoa em especial, parece haver uma tentativa de conceituar, ou ainda, nomear "aquilo" que lhe provoca adoração.

Entretanto, a sua tentativa de conceituação dá-se de maneira inversa, isto é, ao invés de enumerar os elementos que lhe despertam adoração, o "eu" lírico opta por enunciar uma série de coisas que não são, propriamente, o motivo de seu sentimento para com essa pessoa em especial. Além disso, através dessa enumeração, é possível apreender sentimentos intrínsecos ao sujeito lírico, pois, em sua tentativa de definir a causa dessa adoração, ele deixa transparecer a sua própria essência.

Fazendo parte dessa enumeração, estão diferentes elementos, tais como: "beleza", "inteligência", "espírito", "graça musical", a própria "mãe", "irmã" e "pai", "instinto maternal", "pureza", e "impureza". Tais elementos, supostamente extraídos da personalidade dessa pessoa a quem o "eu" lírico se dirige, seriam uma espécie de "não-causa" de sua adoração. Em outras palavras, partindo-se da oração "o que eu adoro em ti não é", recorrente em todo o poema, é possível afirmar que todos os elementos citados pelo "eu" lírico não seriam, pelo menos diretamente, a causa da adoração deste. Esta assertiva é apreendida através do advérbio de negação não, do qual se pode inferir a presença de "não-causas".

Seguindo-se a análise, o primeiro verso do poema é reiterado nos primeiros versos da terceira, quarta e quinta estrofes. Partindo-se desta constatação, pode-se perceber que o primeiro verso refere-se a alguém (expresso através do pronome pessoal do caso oblíquo "ti", dos pronomes possessivos "teu", "tua") a quem o sujeito lírico (entendido pelo uso do pronome do caso reto "eu", pelo pronome oblíquo "me", pelas

formas verbais "adoro", "perdi", pelo pronome possessivo "meu") destina um tratamento afetivo particular (a atitude de "adorar" remete à idéia de afetividade).

A seguir, o "eu" lírico enumera uma série de elementos que, embora despertem sua contemplação e admiração, não constituem o cerne desse sentimento. Há, segundo ele, um aspecto singular que aglutina todos os caracteres, dispostos no decorrer do poema, resumindo-os e que se sobrepõe a eles. Algo que realmente desperta o interesse do "eu" lírico, visto sua plenitude e exclusividade, ou seja, alguma coisa muito especial que cativa, justamente, por ser plural (tudo está imerso num único conceito/palavra) e única (nada se compara).

Na verdade, o "eu" lírico se sente atraído por muitos aspectos, que caracterizam o seu objeto de admiração, ou adoração, mas é especificamente este, do qual se falará no último verso do poema, a causa de sua veneração. Em seguida, o sujeito lírico enumera aquilo que, conforme já foi expresso, embora desperte seu interesse, contribuindo para essa atitude de admiração, não constitui o fator primordial para sua efetividade.

Assim, a beleza, primeiro aspecto mencionado, não é o objeto de adoração do "eu" lírico porque, além de ser subjetiva (pertence ao sujeito que considera aquilo que é ou não belo; o conceito de beleza é visto de maneira subjetiva), ou seja, existe distintamente entre os homens, representa um conceito, portanto abstrato e relativo, e é triste.

Quando o sujeito lírico diz que a beleza existe em "nós", significa que o que importa é a maneira particular com que cada ser humano distingue o belo do "não-belo". Cabe a cada um considerar se alguma coisa pode ser vista como bela, ou não, porque a "beleza" não está no "outro", mas no próprio "eu"; é o "eu" que permite a existência do conceito de beleza justamente porque está consciente de que existe o oposto.

O sujeito lírico também considera a "beleza" como um conceito ("A beleza é um conceito"), o que alude à idéia de relatividade, reafirmada pelo verso anterior ("A beleza é em nós que ela existe"), e abstração. Sendo um conceito, a "beleza" é compreendida de maneira distinta entre os homens, pois, o "belo" é relativo e, portanto, há variações quanto à sua conceituação, além de representar apenas uma idéia, ou um pensamento, logo uma abstração.

Somando-se a essas constatações, caracterizações referentes àquilo que pode ser entendido como "beleza", o sujeito lírico a classifica como algo triste ("É a beleza é triste") e faz uma advertência no sentido de que não é a beleza em si que é triste ("Não é triste em si"). Portanto, seria quase que ilógico considerar tudo o que está atrelado ao conceito de beleza, aquilo que é belo, como sendo triste.

O que o "eu" lírico pretende dizer quando relaciona o conceito de "tristeza" ao de "beleza" é para se referir à efemeridade desta, visto que ela se deteriora com o passar do tempo, bem como de sua incerteza pelo fato de ser fugaz, efêmera e vulnerável ("Mas pelo que há nela de fragilidade e incerteza"). Logo, esta não seria a causa da admiração por parte do sujeito lírico no que diz respeito a esse "objeto de contemplação".

Na terceira estrofe, o sujeito lírico, ao reiterar o verso "O que eu adoro em ti", enumera outros aspectos que não são essenciais à sua "fascinação" pelo "objeto" em questão. Segundo ele, não é a inteligência ("Não é a tua inteligência") nem o "espírito sutil" ("Não é o teu espírito sutil") desse alguém especial que desencadeia sua admiração. Embora esse "espírito sutil" seja bastante "ágil" e "luminoso", não é capaz de lhe evocar tamanha apreciação. Além de "ágil", "sutil" e "luminoso", esse espírito, dessa energia interior emana uma sensação de liberdade, apreendida através da metáfora exposta no verso doze ("Ave soita no céu matinal de montanha"), capaz de atrair e provocar interesse naqueles que conseguem constata-la/a, o que ainda não é suficiente para despertar grande admiração do "eu" lírico.

A seguir, o sujeito lírico exclui a questão do conhecimento, da sapiência que "esse alguém" (provavelmente, conhecedor da arte de amar) possui quanto aos sentimentos, à parte subjetiva, emocional, pertencente aos homens, como causa de tal adoração, bem como do conhecimento referente aos objetos mundanos, elementos materiais em geral. ("Nem a tua ciência / Do coração dos homens e das coisas").

Na quarta estrofe, também iniciada com a expressão "O que eu adoro em ti", o sujeito lírico menciona a "graça musical" como sendo geradora de uma instabilidade emocional, mas que, ao mesmo tempo, traz satisfação e deleite ("Graça que perturba e que satisfaz"). Essa "graça musical" pode ser entendida como a maneira afetiva e "harmônica" com que esse alguém se apresenta ao sujeito lírico, ou se constrói aos seus olhos e dirige-se a ele, fazendo-se uma metáfora com a beleza

que há na música, enquanto expressão ritmada de um estado de alma, também ritmado, ou melhor, harmônico, em consonância perfeita.

Além disso, essa "graça" é caracterizada como algo ininterrupto, que ocorre sucessivamente, além de se renovar a cada instante ("Sucessiva e renovada a cada momento"). Isso quer dizer que esse aspecto não se extingue porque sucessivo e não se repete em termos de igualdade, porque a cada instante se renova, ou seja, cada "graça" constitui uma expressão de afeto, carinho diferente da anterior, é exclusiva e nisso está o seu encanto.

Um outro aspecto que caracteriza essa "graça musical" é o fato de ser ela "aérea" como o "pensamento" desse alguém especial a quem o sujeito lírico expressa o seu encantamento. Isso reforça as idéias de renovação e sucessão porque, sendo "aérea", transforma-se, não se estabiliza e atinge graus distintos.

Na quinta estrofe, o sujeito lírico reitera o conceito de veneração que destina a "alguém" ("O que eu adoro em ti"), salientando que essa "adoração" não decorre de sentimentos/atitudeis tais como proteção e conforto, fraternidade e, talvez, imposição, que emanam do "ser" exaltado.

O fato desse "ser", possivelmente, assemelhar-se à mãe do sujeito lírico ou ocupar uma parcela do espaço desta em sua vida, destinando-lhe a proteção necessária, o carinho e o aconchego materno ("Não é a mãe que já perdi"), bem como o fato de o sujeito lírico vivenciar um sentimento fraterno através desse alguém a quem tanto admira, venera e adora, pois sua irmã também já não faz parte de seu convívio ("Não é a irmã que já perdi") continua sendo insuficiente para despertar esse interesse extremado para o qual o sujeito lírico tem uma única razão.

Além disso, menciona a figura paterna ("É meu pai"), de maneira breve, porém desconsidera esta, assim como as demais, como causa principal de seu interesse desmedido em relação a esse "alguém".

Na última estrofe, o sujeito lírico continua "adorando", porém, em vez de se referir ao seu objeto de "adoração" com o pronome oblíquo "ti", conforme fizera no decorrer de todo o poema, faz uso da expressão "tua natureza". Pode-se compreender que, embora o sujeito lírico considere esse "objeto" a partir de sua "natureza", entendida como a constituição total de algo ou alguém, a sua qualidade ou espécie, há um único aspecto que determina a sua estima e tudo o que

pode ser entendido como um sentimento de veneração para com aquilo que idealiza.

Novamente, então, o sujeito lírico reitera essa idéia e desconsidera o "instinto maternal", apesar de intenso e, por vezes sentido como verdadeiro, sincero ("Não é o profundo instinto maternal" / "Em seu flanco aberto como uma ferida"), a "pureza", assim como a "impureza" determinantes da sua apreciação ("Nem a tua pureza. Nem a tua impureza").

Finalmente, nos dois últimos versos, o sujeito lírico revela a causa de sua "adoração" constante; reiterando a expressão "O que eu adoro em ti". No penúltimo verso, o "eu" lírico caracteriza essa causa única de tamanha veneração como algo paradoxal porque, ao mesmo tempo que causa lástima, sofrimento, angústia, pesares, ela consola e tranquiliza a sua existência ("O que eu adoro em ti - lastima-me e consola-me).

É no último verso, no entanto, que o sujeito lírico diz ser a "vida" ("O que eu adoro em ti é a vida") o determinante único desse sentimento de adoração, jamais extingüível. Conclui-se, portanto, que, sendo a "vida" a causa de tamanha veneração, e esta poder ser entendida como a reunião de todos os aspectos enumerados pelo sujeito lírico e considerados por ele "insuficientes" para que tal sentimento procedesse em grau tão elevado, o "eu" lírico já não tem noção do que realmente significa viver, o que é a vida em sua plenitude e beleza, como deve ser sentida.

Assim, ao ambicionar a "atitude de viver" alheia, acaba idealizando-a, bem como ao "objeto" que traduz essa idéia, idéia de "vida". Para finalizar, esse "objeto" de adoração pode ser entendido como uma entidade feminina se considerado o título do poema ("Madrigal melancólico"), pois "madrigal" significa "composição poética engenhosa e galante, cujo galanteio é dirigido a damas", conforme explicita o dicionário. O adjetivo "melancólico" caracteriza o "clima" no qual o poema se constrói, que pode ser atribuído à condição "tísica" e "decadente" da existência do poeta, expressa em seu estilo de produção literária.

### Em Camões e Bandeira, a problemática da conceituação

Em relação a esse poema de Bandeira é possível estabelecer uma associação com um soneto do poeta luso Luís Vaz de Camões. Essa assertiva pode ser comprovada se for considerado que, fazendo parte da temática do poema de

Manoel Bandeira, encontra-se uma tentativa de conceituar elementos.

Conforme referido na análise de "Madrigal Melancólico", o "eu" lírico procura dar uma definição à "beleza", ao "espírito sutil", bem como ao seu sentimento de adoração ("O que eu adoro em ti (não) é", visto que o verbo "ser" está sendo utilizado com o propósito de conceituar).

Esta "preocupação", relacionada ao ato de conceituar, é similar à encontrada no conhecido soneto de Camões ("Amor é fogo"). No poema português, o "eu" lírico busca, constantemente, estabelecer um conceito para o "Amor". O "Amor" de Camões é referido e conceituado enquanto um sentimento Universal, isto é, comum a todos, mas também paradoxal ("Amor é fogo que arde sem se ver", "É um contentamento descontente"):

*O poeta procura conhecer, conceituar o Amor, o que só consegue realizar lançando mão de antíteses e paradoxos. (...) Mas pensa-lo (o amor) é sofrer-lo duplamente (...)*

Quanto a "Madrigal Melancólico", o sujeito lírico tenta, incessantemente, assim como o "eu" poético português, conceituar, ou melhor, nomear os elementos intrínsecos ao ser amado, porém a partir de um sentimento que lhe pertence ("O que eu adoro em ti"), isto é, neste caso, o sentimento passível de ser conceituado não é universal. O "eu" lírico refere-se a um sentimento próprio.

É pertinente assinalar que, em ambos os poemas, apreende-se uma dificuldade, ou mesmo uma impossibilidade, de conceituação. Isto se deve ao fato de que, no caso de Camões, o "Amor" é um sentimento definido a partir de paradoxos, o que deixa transparecer essa impossibilidade, pois sugere que o amor "seja" e "não seja", ao mesmo tempo.

Com relação ao poema de Manuel Bandeira, essa "impossibilidade" pode ser apreendida no momento em que o "eu" lírico enumera as supostas "não-causas" (referidas anteriormente) da adoração (contemplação) que destina ao ser amado. Contudo, é através dos elementos enumerados que transparece a verdadeira essência, ou razão, desse sentimento de adoração, ou seja, as "não-causas" seriam, na verdade, os verdadeiros motivos de tal sentimento, visto que todos eles se encontram no significado do léxico "vida", mencionado no poema. Em outras palavras, o

<sup>3</sup>MOISÉS, Manuel. *A Literatura Portuguesa*. 1998, p.56.

termo "vida" seria a reunião de todos os itens anteriormente expressos, ou citados, pelo sujeito lírico, considerados "causas" de adoração.

Contudo, a razão dessa dificuldade em conceituar sentimentos dever-se-ia, talvez, ao grau de abstração dos mesmos. Além de serem sentimentos paradoxais, são de natureza abstrata, ou seja, de difícil compreensão.

Devido a isso, essa tentativa de conceituação, efetuada pelo "eu" lírico, dá-se de forma complexa, difícil, assemelhando-se ao objetivo de Camões, ou melhor, do sujeito lírico português. Considerando esse aspecto, definição ou conceituação de sentimentos, portanto, categorias abstratas, há semelhanças entre os poemas, pois ambos "enfrentam" e deixam transparecer, isto é, traduzem, através de seus versos, uma dificuldade em conceituar.

Entretanto, enquanto no poema de Camões, há somente a presença do verbo "ser" ("Amor é", oração reiterada várias vezes), em "Madrigal Melancólico" existe também, além do verbo "ser", o advérbio de negação "não" ("O que eu adoro em ti não é"), que apontará para a enumeração de "não-causa" de sua veneração e que, em última análise, não interfere no conceito do sentimento de adoração do "eu" lírico.

Apesar de algumas diferenças, os dois poemas são bastante próximos no que se refere ao conteúdo, visto que ambos passam pela problemática da conceituação de sentimentos similares: "AMOR" de Camões e "ADORAÇÃO" de Manuel Bandeira.

Considerando a intrínseca relação existente entre o "eu" lírico e seu estado emotivo, pode-se apreender características condizentes ao estilo de produção de Manuel Bandeira, traduzido pela forma simples, melancólica, depressiva, angustiante, de uma busca incessante que finda em (des)consolo.

Tendo em vista a problemática da conceituação, que há, especificamente, neste poema, constatou-se uma similaridade entre Camões e Bandeira referente à dificuldade, ou mesmo impossibilidade, em conceituar sentimentos de ordem subjetiva, portanto, sujeitos a diferentes interpretações.

Em última instância, é possível inferir que aspectos relacionados à estética modernista brasileira encontram-se no poema "Madrigal Melancólico", conforme mencionado na

introdução do presente trabalho e confirmado ao longo deste.

### Referências bibliográficas

ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, Paixão e Morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

BOSI, Aliredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1980.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

COUTINHO, Afrânio (Org.). *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1986.

MORÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1998.

### Referências eletrônicas

[http://www.geocities.com/joaogeraes/manuelBandeira/Madrigal\\_melancolico.htm](http://www.geocities.com/joaogeraes/manuelBandeira/Madrigal_melancolico.htm)

<http://www.secrel.com.br/poesia/camoes.html>